

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria) - TEL. 2337-C. - LISBOA*

LISBOA, 20 DE FEVEREIRO DE 1918

ANO II—N.º 40

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO.....	1\$30	ESTRANGEIRO
SEMESTRE ..	\$70	ANO.....

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PORTUGAL CINEMATOGRAFADO

DEVEM chegar, ainda n'este mez, aos nossos animatographos, as primeiras fitas tiradas no ano passado — para Portugal pelo operador da casa Gaumont de Paris e de que aqui demos um largo relato.

A impressão que elas não de causar, será a mesma que fizeram já em Paris, onde foram exhibidas. E' que o nosso paiz é alguma coisa de belo, atraente e digno de visitar-se. E se em Paris, aos olhos dos espectadores, elas causaram uma sensação inedita para elles, pois julgavam a nossa terra uma vaga provincia de Hespanha, a muitos de nós elas darão a impressão que Portugal não é a tira da praia de Algés a Cascaes, nem as duas oliveiras da estrada de Cintra.

Muita gente ha-de ficar maravilhada com o que vir e com mais vontade de amar e admirar a sua terra.

Não foi, porém, a operação tão extensa como era para desejar, pois muitos dos nossos monumentos foram passados em claro, algumas paisagens foram esquecidas e bastantes costumes ficaram por exhibir.

E porquê? Porque lá fóra ignorava-se o que era Portugal, e a sua riqueza em paisagens e monumentos; e d'ahi a casa Gaumont mandar apenas uma escassa porção de fita, muito embora ella a julgasse sufficiente para executar o programa que d'aqui lhe foi enviado. Veiu nova remessa, e nem assim se conseguiu photographar tudo.

Reconhecendo essa insuficiencia, o digno presidente do Conselho de Turismo, sr. dr. Magalhães Lima, negociou com a casa Pathé, a vinda a Portugal de um dos seus mais habéis operadores, para que seja comple-

tada a reportagem animada do nosso paiz.

Essa negociação, extremamente vantajosa para nós, só nos traz o encargo dos transportes e hospedagem do operador e bem assim do interprete e guia que o acompanhar.

Os caminhos de ferro, a exemplo do ano passado, já ofereceram transportes gratuitos, e algumas camaras municipais e nucleos de propaganda local, tambem ofereceram hospedagem e todas as facilidades ao seu alcance.

Devemos, porem dizer que quando ha anos se tratou da vinda a Portugal de um operador, a casa Pathé pediu uma avultada quantia por tal reportagem, o que de resto, varias camaras municipais do vizinho reino tiveram de pagar, se quizeram vêr os seus monumentos passados a peluculas.

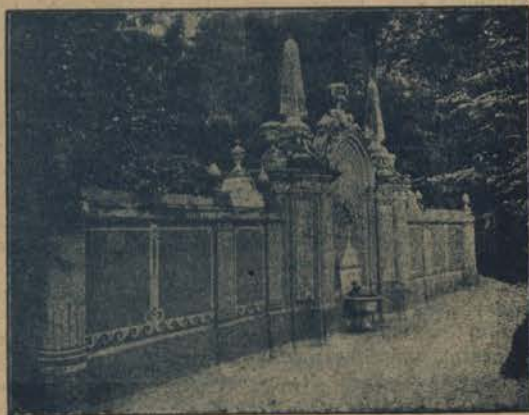
E', pois, para louvar a diplomacia com que o sr. Magalhães Lima soube negociar com as casas Gaumont e Pathé, a vinda dos seus operadores.

E ha, ainda, um ponto importante, extremamente vantajoso para

nós; é que o programa da reportagem é feito por nós; porém o operador, quando ache uma coisa banal, ou sem interesse, não a opera, enquanto que sendo largamente pago seria muitas vezes coagido a fazê-lo, resultando assim uma propaganda inefficaz.

Neste momento trata a Repartição de Turismo de organizar o programa, que será o complemento do feito pela casa Gaumont; pois nada ganharíamos em repetir o já cumprido.

Como no ultimo numero dissémos, vão atender-se agora os nossos costumes regionaes, e por isso o operador irá a Miranda do Douro, a mais exotica população de Portugal, onde ha costumes de ha mais de dois seculos, e onde ha as riquissimas pedreiras de Vimioso com galerias de marmores de efeitos surpreendentes. Tirar-se-hão as arribas alcantiladas do Tua, do Douro; as montanhas vestidas de arvoredo do Bussaco e do Vale de Lafões; as cascatas da Serra da Estrela e as suas cumiadas e geleiras cobertas de neve; e ainda, por essa



CINTRA
Fonte da Regaleira

Beira solarenga, as casas fidalgas e as egrejas de estilo regional!

Irã tambem, se possivel fôr, o operador a uma terra no Ribatejo e ás feiras de porcos do Alentejo. A epoca é bastante melhor que a do ano passado, pois será a de março a abril, quando o arvoredo começa a vestir-se e os rios trasbordam em cascatas.

Estamos certos que a Repartição de Turismo, será auxiliada com mais boa vontade que no ano passado, pois camaras municipais, houve, como a de Braga e a da Batalha, que recusaram uma simples informação ao operador.

CARTAS A GABY

COMEÇAMOS hoje com a publicação, na nossa secção literaria, d'uma série de cartas inéditas, escritas por um nosso muito querido amigo e ilustre colaborador, cujo nome se esconde sob o pseudonimo de *Mario de Montalvão*, e que acabam de ser coligidas expressamente para a nossa Revista.

Parece-nos escusado fazer a apresentação do auctor d'esse belo trabalho literario, se bem que occultasemos a sua verdadeira personalidade; mas o seu pseudonimo já, por diversas vezes, tem firmado com intenso brilho algumas obras, que tanto lustre tem trazido ás columnas d'esta Revista.

Testemunhando a *Mario de Montalvão* o nosso muito reconhecimento pela sua amabilissima deferencia, orgulhamo-nos de poder favorecer o espirito dos nossos prezados leitores com o incomparavel prazer que proporciona a leitura das «Cartas a Gaby».

O JOGO E A SUA REGULAMENTAÇÃO

SEENDO atualmente a regulamentação do jogo um dos assumptos que mais prende a atenção geral, não podiamos deixar de aproveitar a oportunidade que se oferece para a ele mais uma vez nos referirmos.

No artigo publicado em o n.º 31 d'esta Revista, relativo a 4 de Maio de 1917, a proposito d'uma reunião convocada expressamente pelo então Presidente da Republica para se esboçar o projecto da regulamentação do jogo, expuzemos sucintamente o que pensavamos a tal respeito; e a idéa que formámos como natural resultante da apreciação dos factos, é a mesma que temos defendido, que hoje mantemos e que vimos presentemente confirmada por toda a gente de bom senso e de são criterio.

A regulamentação do jogo impõe-se, sem artificios nem sophismas. Não ha' argumento algum que possa vencer as considerações, não só de ordem moral, como social e economica, que se ajustam a esse facto.

Bastavam essas, para aconselhar a salutar medida que se pensa pôr em pratica, se uma outra consideração, também de primeira grandeza, não viesse reforçar a defeza d'essa idéa, absolutamente necessaria e urgente de realisar. É a que respeita ao turismo em o nosso Paiz.

A industria das viagens, seja em que nação fôr, torna-se decadente até o seu completo aniquilamento, se conjunctamente com os maiores atractivos que possam seduzir os forasteiros, estes não encontrarem o que — em geral — constitue a sua mais interessante distração.

Foi precisamente por se reconhecer a necessidade da sua existencia, como importantissimo factor para o desenvolvimento do turismo, que as grandes nações — onde d'esta fonte inexgotavel se tem auferido os mais proveitosos resultados para o desafogô da sua situação economica — não hesitaram em dar ao insaciavel vicio do jogo, a cathegoria complementar sufficiente para ser admitido na moral social.

Hoje joga-se legalmente em toda a parte. E essa lei acha-se de tal forma sancionada pelas sociedades civilisadas, que nos Casinos ou Clubs dos grandes centros europeus, onde se pratica essa diversão, encontram-se as mais elevadas personalidades, e só se entra com traje de gala. Ha' n'isso, até, alem d'um certo e caprichoso enthusiasmo, um caracteristico de deferencia ou de distincção.

Mas n'essas sociedades, o jogo é considerado como o melhor divertimento para o espirito — e essa é a sua caracterisca moral — e não como um modo de vida; e sob esse aspecto de moralidade, em que os governos intelligentes souberam converter esse vicio convencionalmente immoral, tem progredido aldeias, vilas e até cidades; tem-se atenuado a indigencia e prodigalizado incontestaveis beneficios, locais e até nacionaes, como resultado immediato da boa applicação dos insubstituiveis recursos provenientes da sua legalisação.

Em Portugal tem-se sempre jogado; e não obstante o jogo ser aqui

ilicito, o certo é que ele serviu muitas vezes de amparo aos governos cuja situação poderia perigar em face do resultado do sufragio popular, quando havia necessidade de se fazer eleições. Esse recurso, tão criticado sempre pelos adversarios dos governos preponderantes, foi sendo todavia aproveitado, sem escrupulos, sempre que se manifestava uma imposição de caracter eleitoral. E justamente porque d'essa forma ele representava uma arma defensora nas mãos dos governos — e só por este motivo, os poderes constituídos desprezavam egoistamente os legitimos beneficios que em proveito geral se deviam usufruir da sua regulamentação, recusando-se, com pretenso repúdio, a dar fôros de legalidade a um vicio que era classificado como... um cancro moral.

Todavia, a liberdade tolerada abusivamente pelas autoridades, chegou a um ponto em que a regulamentação do jogo é mais do que uma necessidade d'ordem moral, é absolutamente indispensavel para a nossa vida economica, é urgentemente imposta pela exigencia d'um saneamento social.

Não somos só nós que o clamamos. Todas as instituições que reconheceram a quasi impossibilidade de se reprimir o vicio do jogo, tem-se abertamente declarado pela sua immediata regulamentação, auferindo d'ahi o Estado os possiveis beneficios. Assim o prova a opinião unanime, agora manifestada pela imprensa periodica; o que representa o mais indiscutivel aplauso á representação que n'esse sentido acaba de ser dirigida pelo douto Conselho de Turismo ao sr. Ministro do Interior e que reproduzimos em o nosso numero passado.

Nenhuma outra entidade tinha mais razão, nem mais auctoridade para semelhante procedimento.

O turismo é — por assim dizer — uma resultante do jogo; este é um complemento directo da industria das viagens. O estudo psychologico da humanidade assim nol'o apresenta. Por consequencia, o não aproveitamento dos productos beneficios que d'ele podemos extrahir, constitue um rebaixamento moral, tanto mais repulsivo quanto mais enthusiasmicamente fôr caracterisado.

J. L.

Todo aquele que se interessa pela manutenção da Revista de Turismo, deverá dar-lhe o seu curso, angariando-lhe assinantes e anunciantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

ARTE E LITERATURA

*Cartas a Gaby**Minha boa amiguinha*

*P*rometi-lhe, ha tempo, em satisfação a um seu pedido, que logo que regressasse da minha viagem pelas regiões do sonho—onde tão bem me sentia!—lhe descreveria, passo a passo, todas as phases d'essa minha ideal peregrinação.

Soube, a minha amiguinha, d'uma carta que de lá escrevi, então, a um amigo que aqui deixara; e o entusiasmo despertou-lhe a curiosidade—muito legitima no seu sexo—de conhecer a odisséa a que me votei, durante a ausencia que—segundo me disse—tanto sentiu. Por isso exige-me, agora, que lhe historie toda essa phase da minha vida, sem omissão do minimo facto, sem esquecimento da mais pequenina coisa em que o meu espirito, embora momentaneamente, se tivesse preocupado.

Pois bem—far-lhe-hei a vontade.

Vou coligir todos os preciosos apontamentos que se acham dispersos nos escañinhos da minha memoria; e na continuação d'estas cartas encontrará a descripção sucinta de cada episodio, de todos os acontecimentos, enfim—por minimos que sejam—que pude inscrever na minha lembrança, para marcarem, menos ou mais dolorosamente triste, as paginas d'esta minha vida, que nem chego mesmo a perceber se é material se immaterial.

E' possivel que essa descripção não seja precisa, tanto quanto o seu invejavel espirito desejaria. Haverá, talvez, mesmo, alguns pontos que me interessassem relativamente, e que, para a minha boa amiguinha, fossem de maior curiosidade. Se, porem, esta narrativa não satisfizer a sua extrema vontade, não me atribua a ideia de recusar obediencia aos seus atrahentes desejos; mas culpe-me, antes, pela minha insuficiencia, pela minha banalidade ou pela exquiseza de que me sinto um tal-

vez inegalavel exemplo, se todo o meu conjunto não representar, de preferencia, uma anomalia...

A sua indulgencia, porem, é grande, como grandes são igualmente os seus peregrinos dotes de espirito e de coração. A sua inteligencia é bastante lucida para que a percepção da ignorancia se anteponha a

da presumpção. A sua bondade é captivante—é como os sentimentos de caridade devidos a todo o infeliz. Por isso me animo a obedecer-lhe e a conscientemente escravizar esta pena ao prazer infinito de lhe traduzir o que, talvez, por palavras não pudesse ou não soubesse dizer-lhe.

Perdoe-me, pois; e o seu perdão—se d'elle fôr merecedor—será o meu maior premio e constituirá o motivo da minha maior alegria.

Fevereiro 1918

MARIO DE MONTALVÃO.

O HOTEL

DE ARMANDO FERREIRA

Casa fria, enorme e sem-conchego,
Insensivel á dôr e á'legria,
Babel imensa sem paz nem socêgo
Toda a noite e dia,

Não tem aquele aspecto gracioso,
Com que as avesitas formam ninho,
E torna sorridente e carinhoso,
O nosso cantinho!

Não ha os dedos santos de mulher
Que parece onde tocam tudo afagam!
Ali fazem tudo que aprouver
Todos quantos pagam!

As paredes são nuas, são singelas,
Envolve o hotel densa morbidez;
Cheias de tedio cerram-se as janelas
Esp'rando freguez!

Lembra o coração das donzelas
Que alugam quartos ao mez.

JOIAS NACIONAES

O PALACIO DOS PIZÕES

CINTRA — essa delicadíssima joia encastada na alcantilada serra que domina os suburbios de Lisboa, fornece-nos hoje mais um ensejo para a ela nos referirmos.

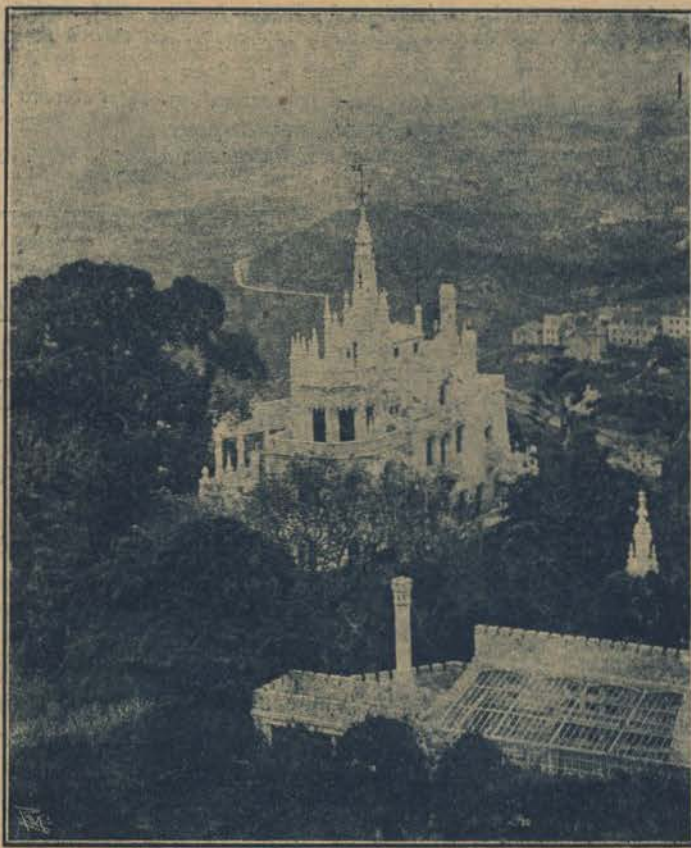
Não se tornariam necessários motivos especiaes para nos lembrarmos

d'essa formosíssima vila, sobre que auctores consagrados bordaram a mais filigranada literatura, porque a sua excelsa beleza e a sua verdadeira originalidade causam sempre uma tão funda impressão, que difficilmente se desvanecer em quem já a saboreou, como o prazer maximo dos sentidos. E' porque esse oasis impõe-se, mesmo na sua maior singeleza. Tal é a sua especialissima estrutura, onde as belezas naturaes — e essas só, bastariam para uma singular consagração.

Mas nem só elas nos seduzem. A Providencia iluminou felizmente os espiritos artisticos, que uma vez gozaram as alegrias d'esse ridente torrão da Terra Portuguesa; e estes comprehenderam que aos seus muitos encantos naturaes, outros da concepção do homem deveriam dar-lhe mais vulto, alinda-lo mais, torna-lo mais atrahente; completar com preciosos mimos d'arte o conjuncto sur-

prehendente e inigualavel d'essa Cintra tão encantada e tão cantada.

E' um d'esses preciosos mimos, a que hoje nos referimos. Ele é o sumptuoso palacio dos Pizões, mandado edificar pelo Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.



explendorosamente a sympathica e patriótica idea do bemquisto e illustre capitalista.

E por que assim encaramos a parte que respeita propriamente á technica, vamos apreciar essa bela obra pelo que ela encerra como valor nacional, como riqueza, patria e como factor de turismo.

Justo é, porem, que, n'um curto parenthesis, aqui consagremos o nome já celebre de Luigi Manini, que foi o executor d'essa idea, e que enalteçamos

os meritos dos artistas portuguezes que o secundaram brilhantemente, d'entre os quaes não poderemos olvidar os Srs. José da Fonseca, Costa Mota, Baeta Dias e Rodrigo de Castro, cujo concurso foi preciosissimo.

Como valor nacional, esse palacio assemelha-se a' um dos encantos das mil e uma noites, idealisado para a habitação de anjos e de fadas, sobre nuvens de branca espuma, tendo por fundo o azul celeste do infinito a distinguir caprichosamente a filigrana das suas marmoreas pedrarias. Ao contemplar-se essa sonhadora mansão, dir-se-ha que não foi a mão rude do Homem que tão delicadamente trabalhou nos seus mimosos arrendados. Mas é que a' aspeza masculina transforma-se — como por magia — em tateamentos de voluptuosidade, quando os sentidos se comprazem na confeção da Arte — e á Arte nenhum mais belo sentimento se antepõe.

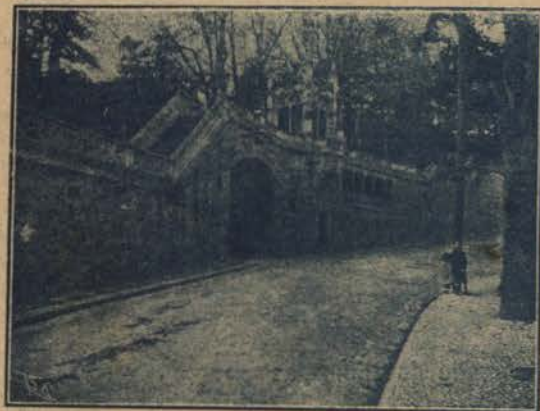
CINTRA
Vista panoramica
do Palacio

O Palacio dos Pizões synthetisa um inestimavel testemunho do nosso Genio.

Como riqueza patria, o seu valor intrinseco apresenta-se-nos expontaneo, já pela sua incomparavel sumptuosidade, quer seja pela sua realissima importancia como resultado d'uma patriótica applicação de capital no desenvolvimento do trabalho portuguez e, ainda, no aproveitamento dos productos do nosso solo e da nossa industria; pois que tudo ali, desde a sua mais nacional estylisação até o mais complementar atavio de conforto e de regalo visual, tudo — emfim — é genuinamente portuguez e representa o mais sublime pensamento patriótico.

Não nos compete a nós — que não somos technicos no assumpto — a apreciação d'esse monumento pelo que respeita — em especial — á sua architectura. D'esta guiza apenas poderemos dizer que ela é soberba, magistral mesmo, e que só artistas de consumado valôr, de reconhecido merito e de in-

vulgar competencia poderiam interpretar tão



CINTRA
Entrada dos Pizões
entrada para o Parque

Só assim esse monumental edificio pode apresentar os encantamentos do seu conjunto.

E dizemos conjunto, porque não é só o excelso palacio que se ergue altaneiro n'essa sonhadora Estrada dos Pizões; ha ainda a referir o delicioso parque que o circunda e onde, a cada passo, se encontram edificações complementares d'essa muito artistica obra, producto da mesma genial concepção que guiou magistralmente a ação do homem que all immortalisou o seu já laureado nome e que realça distinctamente o do seu bem conhecido proprietario e inspirador.

Como factor de turismo, desnecessario era encarecer a sua significação.

Não faltam felizmente, em Portugal os verdadeiros encantos. Aqui, n'este pequeno canto do ocidente europeu, archivavam-se as maiores preciosidades do mundo, desde a incomparavel e maciosa beleza feminina, até aos atractivos com que a Natureza foi prodiga em mimosear-nos. Se não temos uma superabundancia de joias d'arte, temos, em compensação, um mostruario que, embora proporcionalmente limitado, é preciosissimo de valor, quer historico, quer real.

Se não possuímos, ainda, na quasi generalidade, um intenso gosto pela esthetica, guardamos com egoisto carinho a diversidade das belezas das nossas mulheres — que outros não as tem mais lindas, nem mais atraentes. Se não cultivamos a phantasia e a achamos demasiada no nosso modo de ver, nos costumes a que nos habituámos, na terra em que nascemos, é porque a nossa simplicidade e a nossa naturalidade encantam sem atavios, sem os superfluos que, nos outros, são obrigatorios para se valorisarem.

Vejam-se as provincias de Portugal — n'elas tudo é belo, tudo é seductor, tudo atrahe.

Todas as nossas cidades, vilas e aldeias tem os seus motivos insinuantes, tem os seus naturaes encantamentos. Todas elas são lindas como

Sylphides, delicadas como Neyadas, preciosas como princezas!

... Mas uma ha entre todas, a mais bela, a mais estruturalmente bela, a mais incomparavelmente bela: é *Cintra*.

Alli, n'essa vilasinha que o Atlantico namora de longe, que o Sol vem presentear com os seus mais voltuosos sorrisos e que a Lua adornece com amorosas endeixas, ha o inexplicavel no Belo, ha o sonho do

desejou valorisar mais ainda tão inestimavel joia e fornecer do turista mais um motivo de muito especial atracção.

J. L.

A Torre de Belem

NOTICIARAM, ha dias, os jornaes de grande circulação, ter havido uma conferencia entre a Camara Municipal e a Secção de Arqueologia Lisbonense da Sociedade dos Arqueologos Portuguezes, na qual foram tratados diferentes assumptos que se referem ao engrandecimento do nosso mostruario historico; salientando-se, d'entre elles, o relatorio á Torre de Belem, no que respeita á remoção das infectas instalações que a Companhia do Gaz possui, ainda, junto d'essa valorosa reliquia.

E' esta, por certo, mais uma tentativa que a referida Secção faz, junto da instancia competente, para pôr termo ao maior dos vandalismos que está caracterizando a idade contemporanea; e só nos admira que nenhum dos successivos consulados municipaes tivesse, ainda, a hombridade de não só cumprir o seu mais inclinalvel dever patriotico, obrigando a celebre Companhia da iluminação publica a fazer a mudança das suas instalações do Bom Sucesso que estão pasmosamente comprometendo o nosso brio de portuguezes, mas tambem de satisfazer ás constantes reclamações que, n'esse sentido, tem sido formuladas



CINTRA
Capella do Palacio

Ideal, ha a grandeza da Magestade!

Cintra é a rainha da terra portugueza. Por isso o seu manto foi tecido com grinaldas de flores, circundando as joias d'arte que o esmaltam. E uma d'essas é o magistral Palacio dos Pizões com que o sublime espirito artistico

do seu, a todos os titulos, illustre proprietario

CINTRA
Banco de jardim do Palacio



pelas mais categorizadas autoridades portuguezas, interpretando o sentimento geral da Nação.

Verdade seja, que todos os protestos não tem passado do campo platónico; por isso os seus resultados até a presente data, já tinham sido por nós previstos, quando aqui nos referimos ao brado clamorosamente levantado pelo Sr. Dr. Julio Dantas n'uma sessão da Academia das Sciencias.

A resolução do assumpto tem de ser o producto d'um movimento geral de repulsão pela Companhia e por todos aqueles que, gritando, criticando e censurando, quando fóra das administração municipal, se deixaram subjugar pela poderosa Companhia no tempo em que compunham a edificação alfacinha:

Mas é bom notar que a Torre de Belem não é só dos lisboetas — Esse magestoso monumento pertence a todos os portuguezes: é uma joia valiosissima da nossa impercível corôa de glorias, e como tal tem de ser estimada com o maior carinho e com os cuidados que requer toda a obra que representa um simbolo, uma epoca, uma epopeia ou, simplesmente, possa marcar um trecho da arte nacional.

Já n'estas columnas fizemos a promessa de promover um protesto energico pela continuação das instalações do gaz junto d'esse artistico padrão, a fim de o salvar da sua completa ruina. Não achámos, porém, ainda, momento azado para realisarmos a nossa idéa; o que não quer dizer que d'ela desistamos, se os que tem mais força e auctoridade para o fazer não nos tomarem o avanço n'essa iniciativa patriótica. Se estes assim procederem, o nosso concurso será expontaneo e ilimitado, como certamente será o de todos os portuguezes.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do paiz.

«1.º D'ABRIL»

Este é o titulo d'uma revista que, com entusiastico agrado, se está representando no Salão Foz, á Calçada da Gloria, da auctoridade do conhecido escriptor Sr. Camara Manuel, e do nosso muito querido amigo e distinctissimo escriptor theatral, Sr. Luiz de Mello Vieira, colaborador da «Revista de Turismo».

O «1.º d'Abri!» dispensa reclames, pois é, além d'uma preciosa joia literaria, um primor de fina graça.

Felicitemos o nosso querido amigo, pelo exito da sua nova peça.

DO ESTRANGEIRO

FRANÇA

Hoteis e pensões

Um dos assumptos que mais tem despertado a atenção dos círculos turisticos francezes é o que se refere a instalação dos visitantes das montanhas da França, depois da guerra. É esta uma questão julgada de vida ou de morte para a economia franceza, pois embora esta disponha dos recursos necessários para vencer facilmente qualquer concurrencia que tente embargar o seu natural desenvolvimento, o certo é que é para receber — e com forte razão — a influencia que os atractivos estrangeiros poderão vir a causar-lhe.

Não se trata propriamente de cuidar das vantagens, comodidades e facilidades a prodigalizar aos nacionaes não obstante estes serem egualmente contados como factores importantes na composição da corrente de turismo de que a França espera ver inundados todos os seus cantos, terminada que seja a lucta mundial. Vaç mais longe o pensamento que anima as conversas sobre as instalações hoteleiras nas montanhas d'este Paiz; e se bem que uma natural phantasia o oblitere ao entendimento extranho, este pensamento é todavia alimentado por hypotheses tão provaveis de realisação que a sua pratica não deixa de ser prevista para os efeitos da defeza que é mister opôr-se-lhe.

Uma — senão a principal d'essas hypotheses — é precisamente a dos resultados prejudiciaes que possam advir á França pela concurrencia alemã depois da guerra — sabido, como é — que esse paiz se serve de todos os meios possíveis e imagináveis para conseguir os seus fins. Essa é, talvez, a maior preocupação dos centros turisticos francezes. E o caso não é para menos. A Alemanha julga-se a si propria o primeiro paiz de turismo do mundo, como de resto se classifica sempre, em tudo, o primeiro d'entre os primeiros. A sua propaganda, principalmente sobre a industria das viagens, embora transitoriamente interrompida, continuará sendo caracterizada por uma persistencia e uma actividade incomparáveis. Os seus esforços em prodigalizar as maiores vantagens no seu paiz e as comodidades que o seu espirito inventivo não cessa de ensaiar, para que elle seja visitado e abundantemente concorrido por estrangeiros, serão postos á prova n'uma sequencia ininterrupta, como a resultante da idéa fixa que os anima: vencer sempre, atravez de tudo e contra tudo.

E', pois, evidente que esse é o maior pezado dos somnos francezes. Por isso, estes estudam agora, de preferencia a qualquer outra questão, a que diz principalmente respeito ao alojamento dos visitantes nas montanhas escalvadas no solo d'essa grande nação, na esperança de, completando com a sua original phantasia e o seu muito artificio a obra já atrahente da natureza, fazer convergir para ellas a mais intensa corrente de forasteiros, quer apregoando algumas, como pontos de turismo incomparáveis, quer fazendo reclame a outras, como estações de saúde e de repouso, absolutamente unicas no mundo. E sob a idéa de que a um maior numero de hoteis corresponde um mais elevado numero de visitantes, procura-se atender não sómente á instalação, n'essas montanhas, de hoteis de luxo, oferecendo as maiores comodidades e o mais completo conforto, mas, em, especial ao alojamento para todas as categorias de turistas, nacionaes e estrangeiros, de forma a satisfazer —

o melhor possível — aos uzos, habitos, costumes e finanças de cada um.

Como elemento complementar de precioso valor para a efectivação das suas esperanças, contam os francezes com o desenvolvimento consideravel que os transportes automobilistas devem tomar depois da guerra, não só para passageiros, como inclusivamente para mercadorias, obrigando estas, tambem, a viagens de comerciantes e caixeiros viajantes, que são por egual elementos inestimáveis de propaganda e aos quaes se torna necessario dar boa instalação.

D'esta sorte, os francezes julgam-se no direito de esperar, para depois de assignada a paz, um afluxo importante de visitantes ao seu paiz, atrahidos talvez mais pela sympathia, do que propriamente pela curiosidade. Em qualquer dos casos, porém, facilitam-lhes o viajar á sua mais completa vontade, e tudo se lhes prepara para que eles, em toda a parte, encontrem, em comodidade e prazer, os motivos suficientes para a propria propaganda das viagens em França.

Uma interessante instituição

Como complemento da *Obra do soldado na frente*, instituição sublimemente patriótica, creada pelo «Touring Club de France», com o fim de prestar o maior auxilio moral e o mais proveitoso concurso material aos bravos que no campo da batalha luctam pela gloria do seu adoravel paiz, acaba o mesmo Club de promover a realisação d'uma outra sympathica idéa, a que deu o nome de *Parrainage des divisions de l'armée française*, (o que traduzido em portuguez quer simplesmente dizer o seguinte: *Padrinagem das divisões do Exercito francez*) e que representa, nem mais nem menos, do que a «Entente das obras de guerra».

Esta nova instituição, que foi creada e organizada sob os auspícios do general-em-chefe dos Exercitos francezes, tem por presidente Madame Lyautey, e acha-se já em colaboração com o Grande Quartel General, para proporcionar aos soldados que se encontram na frente da batalha o possível bem-estar e conforto; emfim, tudo quanto lhes possa tornar a vida suportavel e fazer-lhes dissipar a natural neurasthenia da guerra.

«Le parrainage des divisions» é constituído por uma associação de elevadas quotas de grandes financeiros, industriaes, banqueiros, alto commercio e capitalistas, a fim do seu producto fazer face aos encargos durante seis mezes de guerra, que segundo as previsões — foram orçados em 6.000 francos.

E' mais uma humanitaria obra a que o «Touring Club de France» vem prestar o seu concurso, e onde a sua intensiva acção, embora como simples intermediario entre os patronos e os beneficiados, se reflecte da maneira mais carinhosa e sympathica.

Assim, a influencia d'esse benemerito Club não se limita propriamente ao interessante fim para que foi creado, mas alarga-se, n'este momento calamitoso para o seu Paiz, na execução de obras puramente patrióticas e de immediata utilidade, não esquecendo, todavia, a pratica dos seus deveres como importantissimo órgão da mais risosa e prometedora industria da França, que é o turismo.

Os Sindicatos d'iniciativa

PROSEGUE COM o mais ardente entusiasmo a obra do resurgimento dos syndicatos d'iniciativa, de cuja acção immediata o

turismo francez espera os mais proveitosos resultados.

A comissão mixta do *Touring Club* e da *Repartição Nacional de Turismo* tem repartido importantes subsídios à maioria d'esses agrupamentos; e os efeitos de tão salutar medida estão fazendo-se já sentir d'uma forma incontestável.

O *Touring Club* trabalha agora na preparação dos «dossiers» das diversas localidades as quaes serão agrupados em um outro para cada região, no intuito de, fácil e claramente, se estabelecer o programa que torne homogeneia a acção dos syndicatos.

Logo que esteja terminada a distribuição dos subsídios concedidos pelas duas entidades officias, a comissão encarregada d'esse serviço dedicar-se-ha ao estudo da constituição das federações regionaes, questão que é da maior transcendencia para o desenvolvimento do turismo e que deverá ser resolvida de maneira que a sua adaptação ás condições eventuaes do regionalismo se possa fazer, sem que se contrariem as disposições tomadas desde já para se alcançar o resultado desejado. Para esse efeito realizar-se-ha em breve uma reunião magna dos delegados das Federações existentes e dos Grandes Syndicatos regionaes, a fim de ser apreciado e definitivamente estabelecido o programa que já se acha projectado, sob a base de razões de patriotismo e da necessidade de se crear, d'uma vez para sempre, a mais solida prosperidade do futuro da França pela industria das viagens.

Amabilidade americana

Como compensação de terem sido adquiridas na America as ambulancias-automoveis destinadas à Cruz-Vermelha franceza, o «Automovel-Club Americano» ofereceu, em partes eguaes, ao *Touring-Club* e ao *Automovel-Club* a importante soma total de 50.000 francos, a fim de ser distribuida pelas instituições de caridade ao arbitrio dos dois «Clubs».

Aquella soma representa o producto d'uma subscrição aberta pelo Automovel-Club americano; tendo sido contempladas, por indicação do «Touring-Club», a *União das Senhoras de França*, e por escolha do *Automovel-Club de France*, a *Associação das Senhoras Francesas*.

Escusado é dizer que este facto, animando sobremaneira o espirito francez, veio alimentar, como um estimulante de primeira grandeza, as já entusiasticas esperanças de renovação, depois da paz, da corrente do ouro americano para os Bancos de França.

Propaganda franceza

A propaganda turistica, quer em França, quer no estrangeiro, está tomando um largo incremento. Todos os recursos que podem ser utilizados para a divulgação das viagens n'este immenso paiz, são applicados com a maior arte, a fim de produzirem os resultados mais proveitosos. A photographia, a cinematographia, a estampagem de qualquer coisa que signifique um motivo de atracção, são cuidadas com o maior interesse e em seguida passadas aos olhos de todo o mundo. Por outro lado, as conferencias, os artigos nos principaes periodicos e as mil e uma publicações sobre turismo, succedem-se ininterruptamente, como poderoso auxilio da propaganda pessoal feita por inumeros agentes que isoladamente percorrem, mesmo n'esta epocha, os caminhos viaveis e accessiveis do globo.

Isto significa simplesmente que, a par do seu incomparavel patriotismo, os francezes tem a noção clara do valor da industria

das viagens, e para colher os seus proveitosissimos fructos, não se poupam ás despesas da sementeira...

—Portuguezes!— Volvei para isto os vossos misericordiosos olhos...

SUISSA

O paiz de «agrément», dos lagos, das montanhas, das neves e dos gelos é tambem maravilhoso pela concepção que da vida fazem os seus habitantes.

Colocado no meio do fogo das batalhas e quasi a ser por elle absorvido, reage heroicamente ao contacto das *labaredas*, como se tivesse uma couraça invulneravel a circundal'o.

—Que sublime exemplo o d'esse bom povo, que só na ordem, na disciplina e no trabalho encontra os esteios da sua felicidade!

E' que a sua razão de ser — o motivo da sua propria existencia — constitue para os suissos a mais sacrosanta das religões; é a estrela que os guia; é o seu Deus, é a sua Patria!

Sob a dominação d'esse pensamento, eles sentem-se alentados para todos os embates da desdita, que fazem por afastar; e possuem a coragem precisa para proseguir na luta pela vida, que vencem sem o minimo esforço. Cantando, como se na musica encontressem a suavidade para as agruras quotidianas, vão trabalhando sempre, porque no desenvolvimento natural da sua acção elles tem conseguido achar o caminho do progresso, na senda que dignifica um povol Adoravel nação!

Ali pensa-se que, não obstante a guerra actual a todos interessar e envolver a grande parte do mundo, cada um deve simplesmente continuar a ocupar-se do seu papel, até que pela força das circumstancias tenha de contribuir, por outra forma, em defeza da patria; porque essa defeza não se pratica só com as armas na mão; mas, tambem, livrando-a, pela imposição da sua superioridade em todas as suas manifestações vitaes, de ser absorvida pelos estrangeiros.

Como consequencia d'esta maneira de ver, os assumptos relativos ao turismo continuam a ter all'a uma muito especial consagração. E não admira que assim aconteça, pois embora esse Paiz, pela sua excepcional situação e pelas suas especiaes condições, se imponha á visita de estrangeiros, a concorrencia que lhe será feita depois da guerra pode muito bem vir a enfraquecer a preferencia que, antes do presente cataclismo mundial, notoriamente lhe era dada.

Na previsão de que tal suceda, os seus organismos turisticos agitam-se com enthusiasmo, para que a corrente de sympathia que lhe era tributada por todo o mundo, se accentue e progreda logo que as circumstancias actuaes se encaminhem para um mais agradável sentido. Para prova de que a defeza da industria das viagens na Suissa se intensifica de dia para dia, vamos relatar, com o possível relevo, o que se passou na assembleia geral constitutiva da «Associação Nacional para o desenvolvimento do turismo» ha pouco realisada na sala do Conselho Nacional do Parlamento Heveltico, com a sumptuosidade d'um acontecimento de vulto.

Um curioso extracto d'essa memoravel sessão, dá-nos os seguintes interessantes pormenores.

«Perto de duzentas pessoas tomaram lugar, não sem qualquer emoção patriotica, «nos confortaveis «fauteuils» dispostos em «hemicyclo, d'onde se disfructa o belo fresco de Giron, colocado na referida sala. A sessão foi aberta sob a presidencia de M. Ca-jonder, que, n'um empolgante discurso, tra-

çou os inicios da Repartição Nacional de «Turismo, fazendo sobresahir a perseverança das associações que entusiasticamente «contribuíram para a effectivação d'essa importantissima obra, atravez os mais duros «obstaculos.

«No decurso da sessão deu-se um incidente, que bem prova a importancia em «que o turismo é tida no nosso Paiz. Tendo «sido votada a creação d'uma agencia auxiliar d'essa Repartição, foi necessario, para «conciliar os interesses dos diversos representantes cantonaes, proceder-se ao escrutínio entre as cidades que disputavam a «honra... e a conveniencia de a instalarem «entre os seus muros. Assim: Bâle, Zurich, «Lucerne, Lausanne et Gerève excitaram os «seus delegados á primazia que apeteçiam. «A capital d'este bom paiz declinou a honra «de entrar na luta, visto ser-lhe já impossivel alojar mais agencias de turismo. De- «pois d'uma renhida disputa, para que foi «necessario fazer correr cinco escrutínios, «coube a gloria a Zurich, por uma maioria «absoluta, e assim essa honra foi-lhe confe- «rida».

Como exemplo do interesse que a industria das viagens desperta n'este paiz, creemos não ser necessario transcrever mais. Porem, para mais completa elucidiação do leitor, acrescentaremos que n'essa assembleia geral foram tratados assumptos da maior transcendencia para o progresso do turismo na Suissa, problema magno que absorve, hoje, n'esse ridente paiz, as melhores concepções do espirito.

A crise da essencia

Em virtude da dificuldade do aprovisionamento da benzina alimentadora dos motores-automoveis, o governo federal limitou as licenças para a circulação dos vehiculos providos de motores; sendo, ainda, de esperar que o numero actual d'essas autorisações venha a ser mais restricto, dentro de curto prazo. A gazolina vae-se tornando rara em quasi todos os paizes, o que tem dificultado consideravelmente a industria dos transportes e as viagens em carros-automoveis.

Não obstante, porem, essa crise, o numero total de automoveis estrangeiros entrados na Suissa, por motivo de vigilatura, desde Janeiro de 1917 a novembro do mesmo ano, foi de 117, o que mostra bem que nem toda a gente anda apavorada com a guerra e que a gazolina não tinha ainda de todo desaparecido...

O «GRANDE HOTEL» DE FARO

EM FIM o Algarve tem um hotel! Foi a expressão que nos sahiu da boca quando ha dias visitamos este novo hotel, que foi inaugurado pelo sr. Presidente da Republica na sua recente viagem ao sul do Paiz.

Desde largos anos que se vem reclamando um hotel capaz, na ridente provincia do Algarve sem que até agora tivessem vingado os esforços empregados n'esse sentido. Agora, porem, mercê da iniciativa de dois capitalistas de Faro, a capital do Algarve pode receber os mais exigentes turistas.

O *Grande Hotel* occupa um vasto edificio de dois andares, com magnifico pé direito e com larga vista sobre a cidade, e podemos

dizer sem exagero que é o melhor prédio de Faro. Todos os quartos teem luz exterior e tanto nos corredores, como nas retretes e casas de banhos a luz entra a jorros por largas janelas e sacadas.

O mobiliário é do melhor, as camas são de colchão de arame e as almofadas rigorosamente de sumáuma e todos os quartos teem guarda fato com espelho. A casa de jantar é no rez-do-chão, tendo uma antecâmara com bengaleiro e lavatórios.

Junto á casa de jantar e do outro lado do largo atrió, estão as salas de leitura, de visitas, e escriptorio da gerencia.

Para os andares dá acesso uma larga e bem disposta escada que se sóbe sem fadiga.

O hotel tem 42 quartos com perto de 60 camas. No primeiro andar ha dois quartos

de luxo, com sala de visitas, quarto de banho, retrete, agua encanada, etc.

Em todos os andares ha dois quartos de banho e duas retretes, com autoclismo.

Devemos porem dizer que o hotel não está concluido, pois foram as obras interrompidas para receber o sr. Presidente da Republica e a sua comitiva.

Louvamos a iniciativa dos seus proprietarios e em especial do socio-gerente sr. Anibal Alexandre, por terem dotado o Algarve como maior factor de turismo que neste momento lhe era necessario.

Assim já toda a gente pode ir ao Algarve, pois tem um hotel capaz para um repouso confortavel, e mercê da excelente rede ferro-viaria e de estradas de que dispõe a provincia, pode ir d'ahi a qualquer parte vindo dormir ao hotel.

«Como um agente de propaganda a bem dos seus interesses, todos os hotéis, dignos deste nome, Associações do Comercio, Administrações de caminhos de ferro, Camaras Municipaes, etc., devem e tem a obrigação moral de a utilizar e concorrer para a sua vida e desenvolvimento, com o que só teem a lucrar.

«A grande campanha sustentada, sem o que não ha turismo possivel, em favor de boas estradas e de hotéis modernos e confortaveis, figura entre as primeiras, com o que se tem tornado uma publicação necessaria a nacionaes e estrangeiros, pois tem lançado á terra a boa semente, cujos frutos as gerações do porvir hão de colher.

«A *Revista de Turismo* que procura, com uma certa discreção e delicadeza, educar o meio turistico, não deve esquecer a pequena povoação de Espinho, a 19 quilometros do Porto, tão socegada e tranquila a remirarse donairoza no lucido espelho das aguas do mar, que embevecida e silenciosa escuta as melopeias dolentes do mesmo em bonança, ou o bramir clamoroso do seu eterno porfiar.

«São poucos todos os elogios que prodigaliso á *Revista de Turismo*, da qual sou assiduo leitor e onde alguma cousa tenho aprendido, mas isto deve bastar, creio eu, para expressar a minha solidariedade na causa comum, garantia de sobejo para que a *Revista*, devido á intelligencia dos seus directores, ao conhecimento e nobresa dos assuntos que versa, tenha o desenvolvimento que merece e de que é digna. — ALBERTO FARIA».

Aproveitando o ensejo de testemunhar ao brilhante jornalista o nosso penhorado agradecimento pelas amaveis e imerecidas allusões que faz á nossa modesta obra, dir-lhe-hemos que a inspiradora povoação de Espinho ha de, n'um proximo numero, merecer-nos o mais carinhoso acolhimento na descripção que lhe vamos dedicar.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

A "REVISTA DE TURISMO," E A IMPRENSA

O lamentoso brado que, n'um dos nossos passados numeros, fizémos soar, em razão do silencio a que, provisoriamente, o sagrado tribunal da imprensa tinha votado a «*Revista de Turismo*», não se desfez infrutiferamente no espaço, pois antes de se diluir no azote oxigenado que alimenta o nosso rincão, repercutiu-se nas salas das redacções d'alguns nossos colegas, tanto da capital, como das provincias.

Felicitamo-nos jubilosamente por esse facto; mas mais grato nos seria se não fivessemos tido oportunidade de erguer esse clamor, que poderia justificar uma falta de solidariedade para conosco o que, apenas, se traduz n'um simples esquecimento...

Confiamos, pois, esperançadamente que, de futuro, os nossos estimaveis colegas dediquem á «*Revista de Turismo*», apesar de ser ainda uma creança, as considerações que lhe são devidas, e o nosso reconhecimento será eterno.

Nos jornaes da provincia que acabamos de receber, encontrámos referencias que nos são muito elogiosas e que sobremaneira captivam o nosso mais sensível agradecimento. D'entre elles não podemos deixar de destacar

a *Gazeta de Espinho*, que insere a seguinte noticia, firmada pelo illustre redactor d'aquelle nosso estimado collega, sr. Alberto Faria:

«REVISTA DE TURISMO»

«Cantando espalharei por toda a parte»
Gambes.

«Este brado patriótico e celebre verso do imortal autor dos *Lusíadas*, parece te-lo adoptado por divisa a *Revista de Turismo*, unica no seu genero em Portugal, a qual vencendo as enormes dificuldades do actual momento, continua na sua obra de verdadeiro patriotismo, com uma abnegação, alem de digna de todo o registo de grande louvor, merecendo assim como é de justiça, a melhor aceitação por parte de toda a gente que deseje o desenvolvimento do nosso paiz.

«Contando ainda um ano e alguns meses de existencia, a *Revista de Turismo* impõe-se não só pela sua boa orientação, mas pela forma como comenta e como critica. Todas as entidades que se interessem pelo turismo, causa que ela serve com toda a convicção e boa vontade, pois nele reside o segredo do nosso futuro economico, como fonte de receita principal, deviam auxilia-la e contribuir para a sua expansão.

BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital realiado 2.000.000\$

SÉDE: RUA DO COMMERCIO, 102

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E ILHAS, E NAS PRINCIPAES PRAÇAS ESTRANGEIRAS, SOBRE AS QUAIS TOMA E FORNECE SAQUES, DÁ ORDENS TELEGRAFICAS E CARTAS DE CRÉDITO.

RECEBE DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO FIXO, ABRE CRÉDITOS EM CONTA CORRENTE E EFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

Telephones | DIZECÇÃO ... 159
| CONTABILIDADE 3070

LISBOA (Portugal)